

ESBOÇO DO SERMÃO 24

I. A beleza da santidade - do homem interior. Traz a imagem de Deus visivelmente impressa em si. Essa beleza, no conceito de alguns, sente-se prejudicada pela atividade e pelo sofrimento. Homens eminentes assim falaram e induziram outros a cessarem toda obra exterior e a fugirem do mundo. Esse alvitre de Satanás estava patente aos olhos de nosso Senhor e Ele nos previne, portanto, a seu respeito. Para explanar e fortalecer as palavras do texto, o Cristianismo se apresenta como religião social. A solidão e a sociedade podem-se possivelmente alternar, mas não se pode concordar em que a vida solitária deva absorver-nos todo o tempo. A mansidão não tem lugar, a não ser em sociedade. O espírito pacificador envolve comércio com os homens. Comércio com os homens que não admitem a Deus, nem julgam-no necessário ao pleno exercício de todos os pendores bons.

II. A influência religiosa não se pode ocultar. A ilustração da cidade edificada sobre o monte. A santidade se torna eminente; a luz resplandece no meio das trevas. É impossível, pois, evitar que nossa religião seja vista. A candeia não se coloca sob o alqueire, mas no velador. Deus não somente transmitiu-nos esses preceitos, mas também nos legou seu exemplo. Não obstante isto, muitas razões plausíveis se aduzem em abono da religião solitária.

III. Resposta a essas objeções. Objeta-se que a religião não consiste em coisas exteriores, mas é do coração, da alma. Isto é verdade; mas se a raiz da religião está no coração, ela projetará seus ramos para o exterior, provando, destarte, sua existência. Uma vez descoberta, a religião exterior, que não tenha raiz na alma, vale tanto quanto nada, ainda que Deus se deleite no serviço exterior, que se inspire no culto do coração. A segunda objeção é que o amor é tudo, é de valor imenso, mas não substitui nem a fé, nem as boas obras. Temos de seguir a caridade, fazendo o bem aos outros. Porque Deus é Espírito e quer ser cultuado por nós espiritualmente; devemos prestar-lhe culto com todas as nossas faculdades da mente e também glorificá-lo com nossos corpos. Segue-se que a contemplação é o único meio de prestar culto a Deus. A grande objeção de que a experiência do uso das ordenanças conclui por não as julgar proveitosas. A isto se responde: é que elas se tornaram substitutas de Cristo. Esforçando-se por fazer o bem, por reformar os pecadores, e falhando nesse intento, o crente está somente seguindo as pegadas de nosso Senhor.

IV. Assim sendo, a luz de nosso preceito e exemplo deve brilhar, tendo como único desígnio glorificar a Deus e salvar as almas.

SERMÃO 24



SOBRE O SERMÃO DO MONTE

Discurso 4

“Vós sois o sal da terra; se o sal se tiver tornando insípido, como se poderá restaurarlhe o sabor? para nada mais presta, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e assim alumia a todos os que estão na casa.

De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a Vosso Pai que está nos céus.”

(Mateus 5.13-16)

1. A beleza da santidade, do homem interior, do coração, que se renova segundo a imagem de Deus, não pode deixar de saltar aos olhos de todo aquele que, pelo poder de Deus, os tenha abertos, de todo aquele

que tenha o entendimento esclarecido. Os adornos do espírito manso, humilde e amante finalmente se recomendarão ao aplauso de quantos sejam capazes, em qualquer medida, de discernir o bem e o mal de ordem espiritual. Desde a hora em que os homens começam a emergir das trevas que recobrem o mundo atordoado, irrefletido, não podem deixar de perceber quão desejável coisa é o ser transformado à semelhança daquele que nos criou. A religião interior traz a imagem de Deus tão visivelmente estampada em si, que é necessário que a alma esteja totalmente imersa na carne e no sangue para que duvide de sua origem divina. Dessa religião podemos dizer, num sentido secundário, como se diz do próprio Filho de Deus, - que é “o resplendor de sua glória, a imagem expressa de sua substância”; *apiugasma thv doxhv autou* “o chamejar de sua eterna “glória”; e todavia tão suave e tão branda, que nela os homens podem ver a Deus - e viver; *carakth thv upostasewv autou* - “o caráter, a imagem, a impressão viva de sua pessoa”, que é a fonte da beleza e do amor, a fonte original de toda excelência e de toda perfeição.

2. Se, pois, a religião não fosse levada além desse ponto, os homens não teriam dúvidas a respeito dela; não fariam objeção em nela permanecer com todo o ardor de suas almas. “Mas por que - dizem eles - a religião se acha carregada de outras coisas? Que necessidade há de sobrecarregá-la de *trabalhos e sofrimentos*? São essas coisas que esgotam o vigor da alma e de novo precipitam-na sobre a terra. Não é bastante ir em *pós da caridade*, voar sobre as asas do amor? Não é suficiente que se preste culto a Deus, que é Espírito, com o espírito de nossas mentes, sem que nos embaracemos com as coisas exteriores, ou nelas pensemos de algum modo? Não é melhor que toda a agudeza de nosso pensamento se absorva na contemplação elevada celestial e, em lugar de preocuparmo-nos com exterioridades, somente comungarmos com Deus em nossos corações?”

3. Muitos homens eminentes têm falado assim, têm aconselhado “a cassarmos toda a atividade exterior”, a fugirmos inteiramente do mundo, a lançarmos o corpo para trás de nós, a abstrairmo-nos de todas as coisas sensíveis, a não cogitarmos em absoluto de religião exterior, mas *operarmos todas as virtudes através da vontade*, como o caminho não só mais excelente, mais aperfeiçoador da alma, como também mais capaz de ser aceitável a Deus.

4. Não há necessidade de que alguém fale a nosso Senhor desta obra-prima de sabedoria terrena, deste mais famoso de todos os laços pelos quais Satanás perverte os justos caminhos do Senhor! E, oh! Que instrumentos tem ele encontrado, de tempos em tempos, para empregar nesse serviço, para apontar semelhantes engenho infernal contra algumas das mais importantes verdades de Deus! Homens que “enganariam, se fosse possível, até os próprios eleitos”, os varões de fé e amor; sim, Satanás tem encontrado instrumentos que, por algum tempo, têm enganado e desviado não pequeno número, fazendo-os cair, em todas as eras, no laço enganador, dificilmente escapando às suas garras!

5. Porventura faltou nosso Senhor quanto à sua parte? Não nos preveniu contra essa ilusão sorridente? Não nos abroquelou, neste sentido, com armadura invencível, contra Satanás, “transformando em anjo de luz?” Sim, na verdade o Mestre defende, do modo mais nítido e mais forte, a religião ativa, paciente, que Ele vem de descrever. Que pode ser mais completo e mais transparente do que as palavras que o Mestre imediatamente acrescenta ao que havia dito sobre a ação e o sofrimento? “Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tiver tornado insípido, como se poderá restaurar-lhe o sabor? para nada mais presta, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e assim alumia a todos os que estão na casa. De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.”

Para explicar e esclarecer estas palavras importantes, tenciono mostrar, primeiro, que o cristianismo é essencialmente uma religião social e que, torná-lo em religião solitária, é destruí-lo. Em segundo lugar, que esconder esta religião é tão impossível quanto profundamente contrário aos desígnios de seu Fundador. Em terceiro lugar, serão respondidas algumas objeções, concluindo-se tudo com uma aplicação prática.

I

1. Primeiro, tenciono mostrar que o cristianismo é essencialmente uma religião social e que, tomá-lo em religião solitária é, na verdade, destruí-lo. Por cristianismo quero dizer o método de cultuar a Deus que

Jesus Cristo revelou ao homem. Quando digo que esta religião é essencialmente social, quero não só afirmar que ela não pode subsistir normalmente, mas que não pode subsistir de modo nenhum à margem da sociedade, sem viver e tratar com outros homens. Mostrando isto, limitar-me-ei às considerações sugeridas pelo discurso que temos diante de nós. Uma vez demonstrado este ponto, tornar-se-á evidente que, transformar o Cristianismo em religião solitária, é destruí-lo.

Não que de algum modo condenemos a intercalação de períodos de retiro ou de solidão na vida social. Isto é não apenas compreensível, mas justificável; digo mais: é mesmo necessário, como a experiência diária mostra, a todo que já seja ou deseje ser real cristão. Dificilmente pode acontecer que gastemos um dia inteiro em contínuo comércio com os homens, sem que soframos danos em nossa alma e sem que ofendamos, de algum modo, o Santo Espírito de Deus. Temos necessidade diária de retiramo-nos do mundo, pelo menos de manhã e à noite, para conservar com Deus, para comungar mais livremente com nosso Pai que está em secreto. Nem pode, na realidade, o homem de experiência condenar os períodos mais longos de solidão religiosa, desde que esse retiro não implique em negligência dos encargos seculares de que Deus nos investiu.

2. Todavia, tal retiro não deve absorver todo o nosso tempo: isto destruiria a verdadeira religião, em lugar de a desenvolver. Que a religião descrita por nosso Senhor, nas palavras precedentes, não possa subsistir sem sociedade, sem que vivamos em meio de outros homens e com eles nos comuniquemos, ressalta evidentemente do texto, sendo certo que vários aspectos essenciais desse ensino não teriam razão de ser, se não tivéssemos contacto com o mundo.

3. Nada há, por exemplo, tão essencial ao Cristianismo como o seja a mansidão. Ora, conquanto esta, no sentido de resignação à vontade de Deus ou de paciência nas dores e enfermidades, possa existir mesmo no deserto, numa cela bem recatada, em isolamento total, - em outro sentido, implicando - o que não menos necessariamente acontece - em doçura, delicadeza e tole-rância, não pode existir, não encontra lugar debaixo do céu, sem o comércio com outros homens; de modo que, tentar converter a mansidão em virtude solitária, é riscá-la da face da terra.

4. Outro aspecto necessário do verdadeiro Cristianismo é a promoção da paz ou o fazer o bem. Que isso seja igualmente essencial, como as outras partes da religião de Jesus Cristo, não há mais forte argumento para comprová-lo (e seria absurdo aduzir qualquer outro arrazoado em contrário), do que o fato de ele ser incluído entre os fundamentos lançados pelo mesmo Cristo à sua religião. Assim, pô-lo de lado, é o mesmo atrevido insulto à autoridade de nosso grande Mestre que se faria, excluindo a misericórdia, a pureza de coração ou qualquer outro artigo de sua instituição. Tudo isso é, entretanto, aparentemente esquecido por todos aqueles que nos chamam para o deserto, que recomendam inteira solidão, seja aos meninos, aos moços ou aos anciãos em Cristo. Poderá alguém afirmar que o cristão solitário (assim chamado, embora a expressão seja pouco menos do que uma contradição de termos), possa ser misericordioso, isto é, pessoa que se sirva de todas as oportunidades para fazer todo o bem a todos os homens? Que pode ser mais claro do que o fato de esse artigo fundamental da religião de Jesus Cristo não ter possibilidade de subsistir sem a sociedade, sem nosso viver e sem nosso intercâmbio com os homens?

5. “Mas não é conveniente, todavia - pode alguém naturalmente perguntar - conversar apenas com os homens bons, somente tratar com os que sabemos serem mansos e misericordiosos - santos de coração e santos na vida? Não é conveniente fugir a qualquer conversação ou comércio com homens de caráter oposto - homens que não obedecem, talvez, e mesmo não crêem no Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo?” O conselho de S. Paulo aos cristãos de Corinto parece favorecer este ponto de vista: “Na minha carta vos escrevi que não vos comunicásseis com os fornicários” (1Co 5.9). E não é, certamente, aconselhável ter sociedade com eles, ou com quaisquer obradores de iniquidade, ou ter qualquer familiaridade particular ou qualquer amizade íntima com tais homens. Contrair ou entreter intimidade com eles não é útil ao cristão. Deve tal conduta expô-los a grande cópia de perigos e de laços, para fugir aos quais não pode ter o crente razoável esperança de livramento.

Mas o apóstolo não nos proíbe ter nenhum contacto com os homens que não conhecem a Deus. “Porque, então, diz ele, seria preciso sair do mundo”; o que nunca poderia aconselhar. Mas acrescenta: “escrevi que não comuniquéis com alguém que se chama vosso irmão”, alguém que se diga cristão, “se ele for

fornicário, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bêbado, ou roubador; com esse tal nem sequer comais” (1Co 5.11). Isto necessariamente implica em que rompamos toda familiaridade, toda intimidade de relação com ele. “Todavia não o considereis - diz o apóstolo em outro lugar - como inimigos, mas admoestai-o como irmão” (2Ts 3.15), claramente mostrando que, mesmo em casos como esses, não devemos renunciar de todo ao contacto com o irmão. Não há conselho no sentido de separarmos inteiramente, mesmo dos homens perversos. Sim, estas palavras nos ensinam justamente o contrário.

6. Muito mais precisas são as palavras de nosso Senhor; as quais, tão longe estão de aconselhar-nos a romper todo o comércio com o mundo, que, sem tal comércio, segundo seu conceito do Cristianismo, não podemos ser cristãos de modo nenhum. Seria fácil mostrar que alguma relação, mesmo com homens ímpios e maus, é absolutamente necessária ao pleno exercício de todos os predicados de caráter que o Senhor apresentou como o caminho do Reino; que algum contacto é indispensavelmente necessário, para a completa atividade dos pobres de espírito, dos que choram e dos que nutrem as demais disposições assinaladas no Sermão do Monte, disposições que constituem a genuína religião de Jesus Cristo. Sim, é necessário à própria existência de várias dessas disposições: da mansidão, por exemplo, que, em lugar de reclamar “olho por olho ou dente por dente”, não “resiste ao mau”; mas leva-nos, antes, quando feridos “na face direita, a voltar também a outra”; da misericórdia, pela qual amamos a nossos inimigos, bendizemos aos que nos amaldiçoam, fazemos o bem aos que nos odeiam e oramos por aqueles que nos maltratam e perseguem; finalmente, daquele complexo de amor e de todas as tendências santas que se exercitam pelo sofrimento por causa da justiça. Tudo isso perderia sua razão de ser, se o cristão não tivesse comércio com ninguém, a não ser com outros cristãos.

7. Na verdade, se tivéssemos de separar-nos inteiramente dos pecadores, como poderíamos corresponder aos traços de caráter que nosso Senhor nos prescreve naquelas palavras? “Vós” (os cristãos, que sois humildes, recatados e mansos; que tendes fome e sede de justiça; que amais a Deus e ao homem; que fazeis o bem a todos e por isso padeceis o mal que vos fazem); vós “sois o sal da terra”: vossa própria natureza é dar sabor a tudo quanto vos rodeia. É da natureza do divino sabor que existe em vós expandir-se em tudo quanto tocardes, difundir-se por todos os lados, atingindo a todos aqueles em cujo meio estiverdes. Esta é a grande razão pela qual a Providência de Deus vos misturou com os outros homens, de modo que as graças, quaisquer que sejam, que de Deus houverdes recebido, possam ser comunicadas, através de vós, aos demais homens; para que todos os santos impulsos, palavras e obras que de vós procedem, tenham também influência sobre eles. Por este meio dar-se-á combate, até certo ponto, à corrupção que há no mundo, conseguindo-se que uma pequena parte, pelo menos, seja salva da infecção geral e se torne santa e pura diante de Deus.

8. Para que possamos mais diligentemente trabalhar por que o sal se comunique a tudo quanto pudermos alcançar, dando-lhe todo sabor celestial e santo, nosso Senhor passa a mostrar o estado de desespero dos que não transmitem a religião que receberam, o que, na realidade, não podem deixar de fazer, enquanto ela permanecer em seus corações. “Se o sal se tiver tornado insípido, como se poderá restaurar-lhe o sabor? para nada mais presta” senão para ser lançado fora e pisado pelos homens”: se vós, que tendes a mente santa e celestial, sendo, em consequência, zelosos de boas obras, não mais tendes em vós aquele sabor e não mais podeis dar sabor aos outros; se vos tomais inúteis, insípidos, mortos, tão negligentes no tocante à própria alma quão imprestáveis à alma dos outros homens, com que serão salgados os de fora? Como serão recuperados? Onde o auxílio? Onde a esperança? Pode o sal imprestável ser restaurado em seu sabor? Não; “para nada mais presta, senão para ser lançado fora”, como se fora a lama das ruas, “e ser pisada pelas homens”, ser subjugado com eterno desprezo. Se nunca tivésseis conhecido o Senhor, poderia haver esperança - no caso de jamais terdes sido “achados nele”: mas, que podeis agora dizer à outra declaração solene do Mestre, paralela à que acaba de ser referida? “Toda vara em mim que não dá fruto, ele”, o Pai, “a corta. O que permanece em mim, e no qual eu permaneço, dá muito fruto. Se alguém não permanecer em mim”, ou não produzir fruto, “é lançado fora como a vara, e seca-se”; e os homens as ajuntam”, não para as plantar de novo, mas “para lançá-las ao fogo” (Jo 15.2, 5, 6).

9. Em relação aos que jamais provaram a boa palavra, Deus mostra, em verdade, piedosa e eterna misericórdia. Mas a justiça se cumpre com os que experimentaram que o Senhor é gracioso e depois se

desviaram “do santo mandamento” então “entregue a eles”. “Porque é impossível aos que foram uma vez iluminados” (Hb 6.4ss), em cujos corações Deus uma vez brilhou, ilustrando-se no conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo; “provaram o dom celestial” da redenção em seu sangue, a perdão dos pecados, “e foram feitos participantes do Espírito Santo”, de humildade, de mansidão, de amar a Deus e ao homem, derramadas em seus corações pelo Espírito Santo que lhes foi dado, e “caíram” – kai parapesonov (aqui não há uma simples suposição, mas uma declaração categórica de fato consumado), “reconduzi-los de novo ao arrependimento, uma vez que eles crucificaram para si mesmos o Filho de Deus novamente e a expuseram ao vitupério”.

Mas, para que ninguém erre na interpretação destas tremendas palavras, deve-se observar cuidadosamente: (1) Quais são as de quem se fala aí? — Aqueles, e somente aqueles, que foram uma vez “iluminados”; somente os que “provaram” a dom celestial e “se tornaram”, assim, “participantes do Espírito Santo”. Deste modo, todos os que não experimentaram esses bens estão naturalmente fora das cogitações da Escritura citada. (2) O que vem a ser a queda de que aí se fala? É uma apostasia absoluta e total. O crente pode cair, e não cair na sentida em apreço. Pode cair e levantar-se de novo. E se ele cair mesmo em pecado, ainda este caso, sendo mortal, não é desesperador, porque “temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo o justo; Ele é a propiciação pelos nossos pecados”. Mas, acima de tudo, guarde-se ele, para que não suceda que seu coração se torne endurecido pelo “engano do pecado”, para que não suceda que desça cada vez mais, até que totalmente caia, até que se torne como a sal que tenha perdido o sabor, porque, se cometermos pecado voluntário depois de termos tido o “conhecimento” experimental “da verdade, não mais existirá sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectação terrível de juízo e tremenda indignação, que consumirá os adversários”.

II

1. “Mas, embora não nos separemos totalmente da humanidade, e embora se assegure que devemos dar sabor aos homens por meio da religião que Deus escreveu em nossos corações, isto não se pode cumprir insensivelmente? Não podemos comunicar a religião aos outros de maneira secreta e quase imperceptível, de modo que dificilmente possa alguém saber como ou quando isso se faz, exatamente como a sal comunica sua própria essência às coisas com que se põe em contacto, sem qualquer ruído e sem submeter-se a qualquer observação exterior? Se assim é, embora não nos misturemos ao muno, podemos estar ocultos na meio dele. Podemos, assim, guardar nossa religião para nós mesmas e não ofendermos àqueles a quem não pudermos ajudar”.

2. Desse arrazoada plausível da carne e do sangue, nosso Senhor estava também bem segura - e deu-lhe segura resposta nas palavras que passamos a considerar. Explorando-as, terei em vista mostrar, como de fato me propus fazê-lo em segundo lugar, que, enquanto a verdadeira religião permanece em nossos corações, não só é impossível ocultá-la, como isto seria absolutamente contrário ao desígnio de seu grande Fundador.

E, primeiro, é impossível a quem quer que possua a verdadeira religião de Jesus Cristo ocultá-la aos outros. Isto nosso Senhor esclarece, acima de toda a controvérsia, por meia de dupla comparação: “Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte”. Vós sois, cristãos, “a luz do mundo”, quanto ao vosso caráter e às vossas ações. Vossa santidade vos torna tão destacados como se destaca o sol em meio dos céus. Como não podeis sair do mundo, também não podeis estar em meio dele sem vos tornardes manifestos a toda a humanidade. Não podeis fugir dos homens: e, estando em meio deles, é impossível esconder vossa humildade e mansidão, e as demais disposições pelas quais tendes a aspiração de ser perfeito como vosso Pai celestial é perfeito. O amor não é menos susceptível de ocultar-se do que a luz; e muito menos ainda o é, se ele refulge através da ação, quando vos exercitais em trabalhos de caridade, em obras de beneficência de toda espécie. Tanto podem os homens pensar em esconder uma cidade como em esconder um cristão; realmente, se eles puderem ocultar uma cidade situada sobre um monte, poderão enclausurar o santo, zeloso e ativo amante de Deus e dos homens.

3. É verdade que os homens, que amam mais as trevas do que a luz, porque as suas obras são más, fazem todo o possível para provar que a luz que há em vós são trevas. Eles dirão mal, toda a forma do mal, falsamente, do bem que há em vós; acusar-vos-ão dos feitos que mais longe estiverem de vossas

cogitações e que sejam justamente o contrário do que sois e do que praticais. E vossa paciente perseverança no fazer o bem, vossa mansidão no suportar todas as coisas por amor de Deus, vossa calma humilde alegria em meio da perseguição, vosso constante empenho de vencer o mal com o bem, - tudo vos tornará mais eminentes do que o éreis antes.

4. Tão impossível é guardar vossa religião para que não seja vista, a não ser que a abandoneis, como é vã a fantasia de ocultar a luz, a não ser que a extingais! O certo é que uma religião secreta, imperceptível, não pode ser a religião de Jesus Cristo. Se uma religião puder ocultar-se, esta não será, certamente, o cristianismo. Se o cristão puder esconder-se, não poderá ser comparado à “cidade situada sobre um monte”, à “luz do mundo” ao sol refulgindo no alto e sendo contemplado cá de baixo por todas as criaturas. Nunca, pois, deve entrar no coração daquele a quem Deus houver renovado no espírito de sua mente, o pensamento de ocultar a luz, de guardar para si a própria religião, principalmente se se considerar que não só é impossível esconder o verdadeiro cristianismo, mas isto seria absolutamente contrário aos intuitos de seu grande Fundador.

5. A veracidade do que ficou dito ressalta das seguintes palavras: “Ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo do alqueire”. É como se Jesus dissesse: Como os homens não acendem uma candeia somente para escondê-la, assim Deus não ilumina a alma com seu glorioso conhecimento e seu amor, para tê-la encoberta ou dissimulada, seja por prudência, falsamente assim chamada, ou vergonha, ou voluntária humildade; para tê-la segregada no deserto ou no mundo; para evitar os homens ou o intercâmbio com eles. “Mas os homens a colocam no velador, e assim alumia a todos os que estão na casa”: do mesmo modo é desígnio de Deus que todo cristão esteja patente aos outros, que ilumine a todos os que se encontrem em torno, que visivelmente revelem a religião de Jesus Cristo.

6. Assim Deus tem falado ao mundo em todas as idades, não só através de preceitos, mas também por meio do exemplo. Ele “não se deixou a si mesmo sem testemunhas” em nação alguma onde se tenha feito ouvir o som do Evangelho: nunca têm faltado uns poucos que testificam a verdade do Senhor por suas vidas e por suas palavras. Estes são como “luzes brilhando em lugar tenebroso”. De tempos em tempos têm sido eles os meios de iluminar a outros, de preservar um resto, uma pequena semente que fora “reputada na presença do Senhor por uma geração”. Eles têm posto algumas pobres ovelhas à margem das trevas do mundo, guiando-lhes os passos no caminho da paz.

7. Alguém poderia imaginar que, estando as Escrituras e a razão natural concordes em falar tão claramente e de modo expresso acerca de uma doutrina, não haveria lugar para grandes avanços em sentido contrário, e menos ainda com qualquer aparência de plausibilidade. Mas os que pensam assim sabem pouco das artimanhas de Satanás. Depois de tudo quanto as Escrituras e a razão disseram, tão excessivamente plausíveis são as pretensões em favor da religião solitária, em favor de se porem os cristãos fora do mundo ou, pelo menos, de se ocultarem os cristãos que se encontrem em meio do mundo, que necessitamos de toda a sabedoria de Deus para percebermos o laço, e de todo o poder de Deus para escaparmos a ele, de tal modo são fortes as objeções que se têm engendrado contra a vida social, aberta e ativa dos cristãos.

III

1. Responder a essas objeções é o terceiro ponto a que nos propomos. E, primeiro, freqüentemente se objeta que a religião não descansa sobre coisas exteriores, mas reside no coração, no mais íntimo da alma; que ela é a união da alma com Deus; a vida de Deus infundida na alma do homem. A religião externa é de nenhum valor, visto que Deus “não se deleita em ofertas queimadas”, em serviços exteriores, mas o coração puro e santo é “o sacrifício que Ele não despreza”.

Respondo: é pura verdade que a raiz da religião reside no coração, no íntimo da alma; que a religião é a união da alma com Deus, a vida de Deus na alma humana. Mas se essa raiz se houver de fato aprofundado no coração, não poderá deixar de deitar ramos: e estes são os diversos exemplos de obediência exterior que participam da mesma natureza da raiz e são, conseqüentemente, não apenas marcas ou sinais, mas partes substanciais da religião.

É também verdade que a religião meramente exterior, sem raízes no coração, é de nenhum efeito; que Deus não se compraz em tais serviços externos, como não se agradava com as ofertas queimadas dos

judeus; e que um coração puro e santo é o sacrifício em que Ele sempre se deleita. Mas Deus também se deleita com todo o serviço exterior que parta do coração; com o sacrifício de nossas orações (sejam públicas ou particulares), de nossos louvores e ações de graças; com o sacrifício de nossos bens, humildemente dedicados a Ele e inteiramente empregados para a sua glória; e com o sacrifício de nossos corpos, particularmente requerido por Deus, corpos que o apóstolo nos exorta, “pela compaixão de Deus, a apresentar a Ele, como sacrifício vivo, santo e aceitável”.

2. A segunda objeção, aproximadamente relacionada com a precedente, é que o amor é tudo em todas as coisas; que é “o cumprimento da lei”, o “fim do mandamento”, de todos os mandamentos de Deus; que tudo quanto fizermos e tudo quanto sofreremos, se não tivermos caridade ou amor, de nada nos aproveita; e por isso o apóstolo nos convida a “seguir a caridade” e a esta chama “um caminho mais excelente”.

Respondo: é certo que o amor de Deus e dos homens, partindo de uma fé não fingida, é tudo em todas as coisas, o cumprimento da lei e o fim de todo mandamento de Deus. É verdade que, sem ele, tudo quanto fizermos e sofreremos de nada nos aproveita. Disto, porém, não se segue que o amor seja tudo em todos os sentidos, substituindo a fé ou as boas obras. O amor é “o cumprimento da lei”, não por libertar-nos da lei, mas por constranger-nos a obedecer-lhe. O amor é “o fim do mandamento”, no sentido de que todos os mandamentos conduzem a ele e nele tem seu centro. Está entendido que tudo quanto fizermos ou sofreremos sem amor de nada nos aproveita: mas, ao contrário, qualquer que seja a obra que fizermos, ou o sofrimento que tivermos em amor, ainda que este sofrimento seja apenas uma censura por amor de Cristo, ou seja, aquela obra a simples dádiva de um copo de água fria em nome de Cristo, de modo algum falhará a recompensa.

3. “Mas o apóstolo não nos incita a *seguirmos a caridade*? E não designa a caridade como sendo *um caminho mais excelente*?” De fato o apóstolo nos exorta a “seguirmos a caridade”, mas não a seguirmo-la somente. Suas palavras são: “Segui a caridade e desejai os dons espirituais” (1Co 14.1). Sim; “segui a caridade” e desejai consumir-vos ou serdes consumidos por vossos irmãos. “Segui a caridade” e, segundo as oportunidades que tiverdes, fazei o bem a todos os homens.

No mesmo versículo em que o apóstolo chama ao caminho do amor “o mais excelente caminho”, exorta os Coríntios a buscarem paralelamente os outros dons, e a desejá-los ardentemente. “Ambicionai ardentemente, diz ele, os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho mais excelente” (1Co 12.31). Mais excelente do que qualquer dom? Do que o dom de entender, de falar em línguas e de as interpretar, mencionados no versículo precedente; mas não mais excelente do que o dom da obediência. Deste não trata aí o apóstolo, nem está ele cogitando da religião exterior: assim sendo, o texto citado é inteiramente fora de propósito na presente questão.

Suposto, porém, que o apóstolo estivesse falando tanto da religião exterior como da religião interior e comparando-as entre si; suposto que, em tal comparação, houvesse dado muito mais alta preferência à última; suposto que houvesse preferido (como de fato podia fazê-lo), um coração amante, em contraste com todas as obras exteriores, de qualquer espécie; ainda assim não se poderia concluir daí que devêssemos negligenciar uma ou outra. Não; Deus as reuniu desde o princípio do mundo: não as separe o homem.

4. “Mas *Deus é Espírito*; e os que o adoram devem fazê-lo em espírito e verdade. E isto não é bastante? Não devemos, logo, empregar nesse culto toda a força de nossa alma? O cuidado das coisas exteriores não constitui empecilho a que a alma voe nas alturas, em santa contemplação? Não tem aquele cuidado e tendência de obscurecer e distrair a mente? De outro modo S. Paulo nos não aconselharia que estivéssemos *sem cuidados* e esperássemos no Senhor *sem distração*.”

Respondo: “Deus é Espírito e os que o adoram deve fazê-lo em espírito e verdade”. Sim, isto é bastante; nisto devemos empregar toda a força de nossa mente. Mas, depois, eu pergunto: por que se há de cultuar a Deus, um Espírito, em espírito e verdade? Porque temos de prestar-lhe culto com nosso espírito; temos de prestar-lhe culto de modo que somente os espíritos são capazes de fazê-lo. Esse culto é crer nele como um Ser sábio, justo e santo, de olhos demasiadamente puros para que possam contemplar a iniquidade, e todavia misericordioso, gracioso e compassivo, perdoadando a iniquidade, a transgressão e o pecado, lançando para trás todos os nossos pecados e aceitando-nos no Bem-amado. É amá-lo, deleitar-se nele,

desejá-lo de todo nosso coração, mente, alma e forças; imitar Aquele a quem amamos, purificando-nos como Ele é puro; obedecer Aquele a quem amamos e em quem cremos, tanto em pensamento como em palavras e obras. Conseqüentemente, um dos aspectos do culto em espírito e verdade devido a Deus, é a guarda de seus mandamentos exteriores. Glorificá-lo, pois, com nosso corpo, assim como com nosso espírito; andar nas obras exteriores com os olhos postos nele; fazer de nossa labuta diária um sacrifício oferecido a Deus; comprar e vender, comer e beber para sua glória; — isto é prestar culto a Deus em espírito e verdade, tanto como, estando no deserto, orar com o pensamento posto no Senhor.

5. Se assim é, a contemplação vem a ser somente um meio de adorar a Deus em espírito e em verdade. Por isso, entregarmo-nos inteiramente à contemplação seria destruir inteiramente vários aspectos do culto espiritual, todos igualmente aceitáveis a Deus, todos igualmente proveitosos à alma e de modo algum prejudiciais a ela. É um grave erro supor que a atenção dada às coisas exteriores, para a prática das quais fomos chamados pela Providência de Deus, seja um tropeço ao cristão, ou um embaraço à constante visão daquele que é invisível. Isto de modo algum restringe o ardor de seu pensamento; não lhe obscurece nem distrai a mente; não dá cuidado ocioso ou nocivo àquele que tudo faz como fazendo ao Senhor, ao que aprendeu a fazer todas as obras, seja de que natureza for, em nome do Senhor Jesus, tendo um dos olhos da alma pesquisando as coisas exteriores e o outro inabalavelmente posto em Deus. Aprendei o que significa isto, vós, pobres reclusos, para que possais discernir a pequenez de vossa própria fé; sim, para que deixeis de julgar os outros por vós mesmos e saibais o que significa:

“Tu, ó Senhor, em terno amor,

Quiseste todos os meus fardos levar;

Ergue meu coração às coisas de cima

E prende-o para sempre lá.

Assento-me, calmo, no círculo tumultuoso,

Sozinho em meio de enxames de cuidados;

E docemente fico a praticar a teus pés

Até que toda tua vontade seja feita”.

6. Mas a grande objeção ainda está perante nós: “Apelamos para a experiência” — dizem eles. “Nossa luz brilha; usa-mos, das coisas exteriores por muitos anos: e ainda essas coisas de nada nos aproveitam. Observamos todas as ordenanças, mas nem por isso somos melhores, nem somos, na verdade, nenhuma outra coisa: também não somos piores; porque nos imaginamos cristãos por assim fazermos, quando nem sabemos o que significa o cristianismo.”

Admito o fato: admito que vós e mais dez mil tendes abusado das ordenanças de Deus, confundindo os meios com o fim, supondo que a prática dessas obras exteriores, ou de outras semelhantes, fosse a religião de Jesus Cristo, ou pudesse ser aceita em lugar dessa religião. Retire-se, porém, o abuso, para que o uso permaneça. Usai de todas as coisas exteriores, mas usai-as com os olhos constantemente postos na renovação de vossa alma em justiça e verdadeira santidade.

7. Isto não é, porém, tudo: eles afirmam que a “experiência do mesmo modo demonstra que a fadiga de fazer o bem é trabalho perdido. De que serve alimentar ou vestir o corpo dos homens, se eles estão justamente caindo no fogo eterno? E que benefício pode o homem fazer à alma deles? Se elas se mudarem, Deus é quem o fará. De resto, todos os homens são ou bons, ou pelo menos desejosos de o ser; ou obstinadamente maus. Ora, os primeiros não têm necessidade de nós; peçam auxílio a Deus, e ser-lhes-á dado. Os últimos não receberão de nós nenhum auxílio, e, demais, nosso Senhor proíbe que lancemos *nossas pérolas diante dos porcos*”.

Respondo: (1) Quer os homens venham a ser finalmente condenados ou sejam salvos, tendes mandamento expresso no sentido de alimentar os famintos e vestir os nus. Se podeis fazê-lo e o não fazeis, ireis, qualquer que seja o destino deles, para o fogo eterno. (2) Conquanto somente Deus possa mudar os corações, Ele geralmente o faz por meio do homem. Cumpre-nos fazer tudo quanto nos toca, tão diligentemente, como se nós mesmos pudéssemos transformá-los - e depois deixemos o resultado nas mãos de Deus. (3) Deus, em resposta às suas orações, edifica sobre seus filhos, uns pelos outros, em toda boa dádiva, nutrindo e fortalecendo o “corpo a que servem todos os membros”. Assim é que “o olho não

pode dizer à mão: não preciso de ti”; nem mesmo a cabeça aos pés: não preciso de vós”. Finalmente, como sabeis que as pessoas que estão perante vós sejam cães, ou porcos? Não as julgueis antes de as provar. “Até que ponto sabes tu, ó homem, que podes ganhar teu irmão”, que podes, pelo poder de Deus, salvar sua alma da morte? Quando ele repele teu amor e amaldiçoa a boa palavra, então será tempo de o entregares a Deus.

8. “Temos experimentado, temos trabalhado por reformar os pecadores — e de que tem servido isso? A muitos não causamos impressão alguma; e, se alguns foram transformados por um momento, sua bondade não foi mais do que a neblina da manhã, e logo se mostraram igualmente maus, ou, antes, piores do que nunca; assim é que somente causamos prejuízo a eles e também a nós mesmos, porque nossa mente se cansou e tornou-se pessimista, talvez repleta de ira em lugar de amor; por isso achamos melhor guardar nossa religião para nós mesmos.”

É muitíssimo possível que também esses fatos sejam verdadeiros; que experimentastes fazer o bem e fostes mal sucedidos; sim, que os que pareciam reformados, recaíram no pecado — e seu último estado veio a ser pior do que o primeiro. E que maravilha há nisto? O servo é maior do que seu Senhor? E quantas vezes se esforçou Ele por salvar os pecadores, e estes não quiseram ouvir, ou, quando o seguiram por um instante, voltaram-se para trás como cão que retoma a seu próprio vômito! Mas nem por isso o Mestre desistiu de lutar por fazer o bem: outra coisa não deveríeis fazer, fosse qual fosse o resultado.

Compete-vos fazer o que vos foi ordenado: o sucesso está nas mãos de Deus. Não sois responsáveis por isso: deixai tudo ao cuidado daquele que dirige todas as coisas para o bem. “Pela manhã semeia tua semente e à tarde não retenhas tua mão: porque não sabes a prosperidade que virá” (Ec 9.6).

Mas a experiência confunde e cansa vossa própria alma. Talvez isto aconteça pela simples razão de vos considerardes responsáveis pelo resultado, o que na verdade ninguém é, nem pode ser; ou talvez porque estáveis longe da atitude cautelosa: não estáveis vigilantes sobre vosso próprio espírito. Mas isto não é razão para desobedecerdes a Deus. Experimentai outra vez, mas experimentai mais prudentemente do que o fizestes no passado. Fazei o bem (como perdoais), “não até sete vezes somente, mas até setenta vezes sete”. Somente sede mais prudente pela experiência: atentai cada vez mais cuidadosamente do que antes. Sede mais humildes diante de Deus, mais profundamente convictos de que vós mesmos nada podeis fazer. Sede mais cuidadosos para com vosso próprio espírito; mais atentos, mais vigilantes na oração. Assim, “lançai vosso pão sobre as águas, e depois de muitos dias de novo o achareis”.

IV

1. Não obstante todos esses arazoados plausíveis, tecidos em defesa de sua sonegação, “deixai brilhar vossa luz diante dos homens, para que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem a Vosso Pai que está no céu”. Esta é a aplicação prática que o próprio Senhor nosso faz das considerações precedentes.

“Brilhe vossa luz” — vossa humildade de coração, vossa ternura, mansidão e prudência; vossa seriedade, vossa gravidade no tocante às coisas eternas e vossa tristeza pelos pecados e misérias dos homens; vosso ardente desejo de santidade universal, de completa felicidade em Deus; vossa amável boa vontade para com todos os homens e vossa fervente afeição a vosso supremo Benfeitor. Esforçai-vos por que não se esconda essa luz com que Deus vos iluminou a alma, mas deixai-a brilhar diante dos homens, diante de todos aqueles com quem vos puserdes em contacto, em todo o teor de vossa conversação. Deixai-a brilhar ainda mais refulgentemente em vossas ações, fazendo, na medida de possível, todo o bem a todos os homens e sofrendo por causa da justiça: então “regozijai-vos e exultai-vos, sabendo que é grande o vosso galardão nos céus”.

2. “Brilhe vossa luz diante dos homens, para que eles vejam vossas boas obras”: assim, longe esteja o cristão de intentar ou desejar esconder sua religião! Ao contrário, seja vosso desejo não a ocultar, não a colocar debaixo do alqueire. Seja vossa preocupação colocá-la “no velador, para que alumie a todos os que estão na casa”. Somente tomai cuidado em não buscardes nisso vosso próprio louvor, em não desejardes para vós mesmos qualquer honra; mas vosso único objetivo seja o de que, vendo alguém vossas boas obras, “glorifique a vosso Pai que está no céu.”

3. Seja este vosso último fim em todas as coisas. Com semelhante disposição, sede claros, francos, sem disfarces. Vosso amor seja sem dissimulação; por que haveríeis de ocultar vosso puro e desinteressado

amor? Que não se encontre dolo em vossos lábios: sejam vossas palavras um legítimo retrato de vosso coração. Não haja em vossa conversação nem trevas, nem reticências; nenhum embuste haja em vossa conduta. Deixai isto àqueles que abrigam outras intenções - intuítos que não podem ser trazidos à luz. Sede sem artifícios e simples para com toda a humanidade, para que todos possam ver a graça de Deus que há em vós. E, embora alguns endureçam o próprio coração, outros reconhecerão que estivestes com Jesus e, voltando-se para o grande Bispo de suas almas, “glorifiquem a vosso Pai que está no céu”.

4. Com o desígnio único de que os homens em vós glorifiquem a Deus, ide em seu nome e na fortaleza de seu poder. Não vos envergonheis se chegardes a estar sozinhos, contanto que permaneçais nos caminhos de Deus. Brilhe a luz que há em vosso coração através de todas as boas obras, - obras de piedade e obras de misericórdia. Para que se aumente vossa capacidade de fazer o bem, renunciad a tudo quanto seja supérfluo. Suprimi todo gasto desnecessário com manjares, adornos e conforto. Sede bons despenseiros de todos os dons de Deus, mesmo dos dons mais humildes. Aboli toda dissipação inútil de tempo, todas as distrações dispensáveis ou ociosas; e, “aquilo que vossas mãos acharem para fazer, fazei-o com vosso poder”. Numa palavra: sede cheios de fé e de amor; fazei o bem.; suportai o mal. E nisto “permanecei firmes, inabaláveis”; sim, “sempre abundando nas obras do Senhor; tanto mais que sabeis que vosso labor não é em vão no Senhor”.

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 24

- P. 1. (§ 1). Que se diz da beleza da santidade
- P. 2. (§ 2). Que se diz aí do fazer e sofrer?
- P. 3. (§ 3). Que homens têm falado assim?
- P. 4. (§ 4). Que se diz dessa obra-prima de sabedoria terrena?
- P. 5. (§ 5). Advertiu-nos nosso Senhor acerca dessa ilusão?
- P. 6. (I. 1). Que se mostra primeiro aí?
- P. 7. (I. 2). Que se diz do isolamento?
- P. 8. (I. 3). Que se diz da mansidão?
- P. 9. (I. 4). Qual é o outro ramo do cristianismo?
- P. 10. (I. 5). Que se diz do convívio apenas com os homens bons?
- P. 11. (I. 6). É-nos permitido o comércio com o mundo?
- P. 12. (I. 7). Sem isso nosso caráter cristão seria completo?
- P. 13. (I. 8). Com que objetivo devemos trabalhar diligentemente?
- P. 14. (I. 9). Como Deus encara os que não o conhecem?
- P. 15. (II. 1). Que se diz da influência invisível?
- P. 16. (II. 2). A que arrazoado plausível deu nosso Senhor cabal resposta?
- P. 17. (II. 3). Por que os homens amam as trevas?
- P. 18. (II. 4). É possível ocultar nossa religião?
- P. 19. (II. 5). De que palavras isso ressalta claramente?
- P. 20. (II. 6). De que se diz do exemplo divino?
- P. 21. (II. 7). Não obstante a clareza da Escritura, que plausíveis objeções se levantam?
- P. 24. (III. 3). Que se diz acerca de ir após a caridade?
- P. 25. (III. 4). Que objeção aí se menciona?
- P. 26. (III. 5). Que se diz ser a contemplação?
- P. 27. (III. 6). Que notável objeção ainda resta?
- P. 28. (III. 7). Que mais afirmam eles?
- P. 29. (III. 8). Que se diz do insucesso mo reformar os pecadores?
- P. 30. (IV. 1). Apesar dessas objeções, qual é o nosso dever?
- P. 31. (IV. 2). Que se diz aí da luz?
- P. 32. (IV. 3). Que conselho se ministra aí?
- P. 33. (IV. 4). Como se conclui o sermão?